

# A pintura e a poesia de Ismael Nery.

Gilda Sabas

Gilda Sabas de Souza é professora de Arte, Mestre em Literatura e Crítica Literária e Doutoranda no Programa de Comunicação e Semiótica – PUC-SP.

**Resumo.** Este artigo tem como objetivos analisar a semelhança existente entre a poesia e a pintura de Ismael Nery. Verificar se o artista torna-se efetivamente os sujeitos líricos de suas obras, e ainda, esclarecer como ocorrem os encontros e desencontros entre os *eus* (sujeitos líricos) com o *eu* (sujeito homem) Ismael Nery. Acredita-se que esses encontros e desencontros entre o artista e seus *sujeitos líricos* (o próprio artista?) reforçam a ideia de que tanto na pintura quanto na poesia o que prevalece é a multiplicidade do poeta e pintor Ismael Nery em vários *eus*, que rompem a tela e o papel e tornam-se, por vezes, um outro sujeito (espectador) que, de fora olha e, sorrateiramente, penetra em seus silêncios feitos de tintas e palavras.

**Palavras-chave.** Ismael Nery, pintura, poesia, autorretrato.

## The painting and the poetry of Ismael Nery.

**Abstract.** This article aims to analyze the similarity between poetry and painting of Ismael Nery. Check if the artist becomes effectively lyrical subjects of his works, and also clarify how the agreements and disagreements occur between the *selves* (lyrical subjects) with the *I* (fellow man) Ismael Nery. It is believed that these agreements and disagreements between the artist and his *lyrical subject* (the artist himself?) reinforce the idea that both the painting and in poetry what prevails is the multiplicity of the poet and painter Ismael Nery in various *selves* that disrupt the fabric and paper and become, sometimes, another subject (viewer) that looks out and stealthily penetrates his silence made of paint and words.

**Keywords.** Ismael Nery, painting, poetry, self-portrait.



## Pintura e poesia.

Não estabeleço nenhuma diferença entre pintura e poesia.

(Joan Miró)

A opinião de alguns estudiosos sobre a semelhança ou diferença existente entre a pintura e a poesia é divergente; no entanto, ressalto as opiniões daqueles que concordam que a pintura e a poesia apresentam elementos semelhantes em sua construção.

Lúcia Santaella na apresentação do livro *Pintura e Poesia: um diálogo entre três dimensões*, de Valdevino Soares de Oliveira, defende a ideia de que “Pintura é imagem densa, espessa. Tempo e espaço concentrados numa visão preñhe de sugestões e alusões”. Tendo como base a tese oraciana conclui: *Ut pictura poesis* – “A poesia é como a pintura” (apud OLIVEIRA, 1999, p. 7-8). A autora se refere ainda a três focos principais, que segundo ela, iluminam os locais de encontro entre a poesia e a pintura. Um deles é a imagem.

O aspecto visual da poesia é percebido devido ao surgimento de imagens que possibilitam a apresentação material do poema. Em alguns poemas sua estrutura versificada é uma forma de desenho da ideia sugerida. A poesia identifica-se com a sua própria forma e, ainda transforma-se em objeto para ser visto. A visualidade surge devido à disposição gráfica, estrutural das palavras no desenho da página e assim aproxima-se dos procedimentos plásticos visuais da pintura.

Calvino afirma que “há dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar a imagem visual e o que parte da imagem para à expressão verbal”, e C. Day Lewis, completa ao afirmar que a imagem é “uma pintura feita de palavras” (apud Oliveira, 1999, p. 44).

Portanto, é possível dizer que a poesia transformada em objeto para ser vista, tem na imagem sua manifestação plástica. A cor por sua vez, em qualquer tipo de suporte, se organiza em forma e cria volume, profundidade, espaço, revelando a própria essência da pintura, pintura essa, feita de linhas e cores a serviço da manifestação plástica.

Segundo Simônedes de Cós (poeta lírico grego), “a pintura é uma poesia muda e a poesia é uma pintura falante” (apud OLIVEIRA, 1999, p. 13). A ideia defendida de que uma é outra e vice-versa, condiz com o pensamento de Erza



Poud ao se referir que a literatura não se faz no vazio, porque ela dialoga com as outras formas de representação, e ainda, que as artes são irmãs, tendo em vista que existe algo em comum que as une. Para I. A. Richard “a representação na pintura corresponde ao pensamento na poesia” (apud OLIVEIRA, 1999, p. 30).

Poesia e pintura, pintura e poesia, um tecido que se tece com fios de tintas e palavras e que se expandem em imagens, sons e sentidos diversos e singulares, cada qual contando, sugerindo, inventando caminhos possíveis e inabitáveis para a existência de si mesmas perante os olhos e almas estendidos em sua direção.

Para Etienne Souriau (1983, p. 14) “nada mais evidente do que a existência de um tipo de parentesco entre as artes. Pintores, músicos, poetas são levitas do mesmo templo”. Portanto, é possível afirmar que não só são levitas do mesmo templo, mas, Um é o Outro – o poeta e o pintor em um só corpo, em um só ser – homem pintor e poeta a um só tempo: Ismael Nery.

### **A pintura e a poesia de Ismael Nery.**

Entre o artista plástico e o músico está o poeta, que se avizinha do artista plástico com sua produção consciente, enquanto atinge as possibilidades do músico no fundo obscuro do inconsciente.

(Mário de Andrade)

Ismael Nery: pintor, desenhista, poeta, aquarelista, eloquente conversador, filósofo. Nasceu em Belém do Pará a 9 de outubro de 1900 e morreu em 6 de abril de 1934. Segundo seu grande amigo Murilo Mendes, Ismael escreveu poucas poesias, as quais foram publicadas na revista *A Ordem*, em 1935, pelo próprio Murilo, que afirma: “Ismael era poeta contumaz, a ninguém conheci mais poeta do que ele. Punha mesmo a sua qualidade de poeta acima da de filósofo e muito acima da de pintor [...]” (1996, p. 29).

Ismael desenhava, e suas ideias nasciam das observações feitas pelas ruas, reuniões, hospitais que sempre visitava e os livros de anatomia que estudava. Em sua pintura a figura humana está sempre presente. Mulheres e homens são pintados com pescoços alongados, são figuras sensuais e repletas de lirismo. Em sua pintura encontramos com frequência figuras humanas fundidas umas nas outras, como se ambas fossem uma só pessoa.

Em alguns dos seus poemas essa fusão também é percebida entre os sujeitos líricos. André Cordeiro destaca que Ismael Nery “fez de toda a sua obra



(pictórica e plástica) um grande espelho, no qual estuda, como Frida Kahlo, o que mais conheceu: a si próprio”. Mais adiante acrescenta: “Sua pintura e poesia retiram o homem da noção do tempo e espaço, apontando assim para uma concepção universal” (2005, p. 196).

Em relação ao seu processo criativo, segundo seu amigo Murilo Mendes, ele pintava um quadro em apenas um dia, utilizava na maioria das vezes materiais precários, e era da opinião que os melhores quadros deveriam ser fotografados como documento, enquanto os outros deveriam ser queimados.

Nas figuras dos desenhos de Ismael, a melancolia é refletida em seus olhos, por que não dizer, em seus mil e tantos olhos, que olham através dos sujeitos – homens – que ele dizia ter sempre um pedacinho de cada um, os quais são percebidos em seus autorretratos, pois esses *homens* surgem lado a lado com Ismael Nery, retratados por ele na tentativa de multiplicar-se nos seres que tanto almejou ser. Diz ele:

Senti sempre uma imperiosa necessidade de representar simultaneamente os papéis mais diversos, e, quanto maior em números fossem eles, mas se sentia estável na minha vida pessoal, incorporando a vida do mundo. (apud MENDES, 1996, p. 60).



Fig. 1. Ismael Nery: *Auto-Retrato*, 1927, óleo sobre tela, 129x84 cm. Fonte: <http://www.itaucultural.org.br>. Fig. 2. Ismael Nery: *Auto-Retrato com Adalgisa*, s/d, óleo sobre tela, 34,8x26,9 cm. Fonte: <http://www.itaucultural.org.br>.



E assim foi feito. Ismael representou os mais variados papéis por meio da palavra e da tinta escrevendo e pintando a sua vida na calada do tempo que o consumia.

### Os autorretratos de Ismael Nery.

Tenho uma formidável atração pelo que detesto, inclusive eu mesmo.

(Ismael Nery)

Quando um poeta / pintor fala sobre si mesmo, por meio do autorretrato, será que ele revela-nos o homem que ele é? Oliveira esclarece que no autorretrato:

[...] há a subjetividade do artista que imprime ao poema sua visão particular de mundo e do objeto referido. O registro nunca será a cópia do objeto, desenho do real. O real tratado é o real visto pelo artista; um real reconhecível, referencializado e legitimado no espaço da arte. (1999, p. 92).

Ismael Nery passou muito tempo se estudando. Ele buscava na própria vida (seu centro de interesse) o conhecimento sobre a humanidade. Em nota autobiográfica ele escreveu:

Olhei-me ao espelho e achei excessiva a anatomia do meu corpo, sobretudo da minha cara. Para que olhos, para que boca, para que nariz? [...] O homem deveria ser uma bola com pensamento (apud MENDES, 1996, p. 57).

Em outro momento Ismael confessa o seu desejo de multiplicar-se e alcançar a tudo e a todos, e a tudo e a todos pertencer. Diz ele: “a minha maior vontade era ser a sombra de tudo e de todos, a fim de nascer e morrer com tudo e com todos e em todos os tempos” (apud MENDES, 1996, p. 42).

Segundo Murilo Mendes, Ismael Nery “Gostaria de mandar exemplares de si mesmo a todas as pessoas de todos os recantos do mundo” (1996, p. 60). E assim ele o fez por meio da sua pintura e da sua poesia, em especial, seus autorretratos, que são suas cópias, tendo em vista que “não havia dois homens em Ismael Nery: havia muitos homens que se disputavam o primeiro lugar no drama que ele representava [...]”, como afirma seu amigo Murilo Mendes (1996, p. 60).

O poema *Poema Post-essencialista* (1933), publicado em *Letras e Artes* 20/06/1948, exemplifica essa multiplicidade de seres em Ismael. O poema é escrito em apenas dois parágrafos, e evidencia uma corrida contra o tempo revestido da melancolia sentida pelo poeta. Diz ele:



O silêncio provocou-me uma necessidade irreprimível de correr. Tudo é pavorosamente desabitado [...]. Existe apenas eu mesmo, que me percebo inversamente por uma ideia a que chamo mulher. [...] porque nada existe na terra além de mim mesmo. Volto a percorrer novamente [...] multiplico-me progressivamente na minha ideia para mostrar-me a mim mesmo.

Ismael corre dentro e fora de si mesmo, pois multiplicar-se, encontrar-se consigo mesmo é o seu desejo. E ele reafirma a ideia de ser outro em si mesmo ao dizer que: “Construíram as pirâmides no Egito e levantaram a Torre Eiffel em Paris no ano em que um outro eu nascia em Belém do Pará”. Em outro momento acrescenta: “Acho-me agora sentado na prisão, olhando sereno através das grades, aguardando o julgamento do crime nefando que cometi a mim mesmo na minha mãe, mulher, filha, neta, bisneta, tataraneta, nora, cunhada”.

Ao concluir seu poema: “Voltarei ainda uma vez para ser o meu próprio juiz. Nada existe além de mim mesmo, senão para mim. Silêncio”.

Ismael retoma a ideia inicial de que nada existe além dele mesmo nessa corrida cíclica em torno de si mesmo na tentativa de encontrar a multiplicidade de seres que o representem.

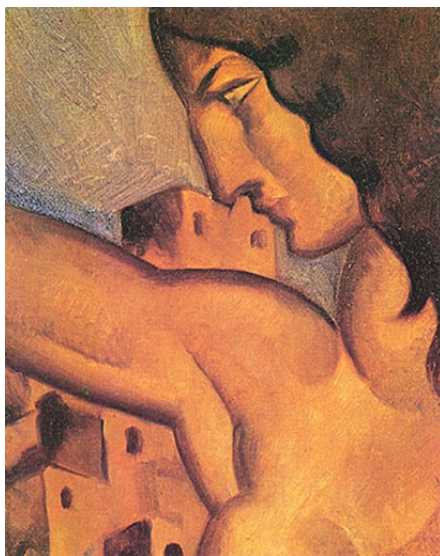


Fig. 3. Ismael Nery: *Auto-Retrato [Homem com chapéu]*, s/d, óleo sobre cartão sobre madeira, 39x29,9 cm. Fonte: <http://www.itaucultural.org.br>. Fig. 4. Ismael Nery: *Auto-Retrato - Cristo*, 1923, óleo sobre tela colada em madeira, 34,8x26,9 cm. Fonte: <http://www.itaucultural.org.br>.



No autorretrato, *Auto-Retrato*, 1927, Ismael se autorretrata entre sombras de si mesmo, entre símbolos que representam cidades de sua preferência e sob o céu que guarda segredos e poderes da humanidade. Ismael é o centro de tudo e de todos. O centro de si mesmo na busca do eco e do silêncio que lhe pertence.

O autorretrato, *Auto-retrato com Adalgisa*, s.d., evidencia a sua tentativa de tornar-se outro. Os dois, o homem e a mulher fundem-se e tornam-se um só. O rosto da mulher é tomado pelo rosto do homem, e ambos deixam de ser o que se diz ser para tornar-se outro. Eu e você? Espectadores que percorremos desesperados e esperançosos em torno e dentro das formas alongadas e vazias dos retratados buscando encontrar um outro sujeito que surge além dos homens e mulheres projetados dentro e fora da tela.

O *Auto-retrato [Homem de Chapéu]*, s.d., apresenta um homem que ele é e não é ao mesmo tempo. Ele mesmo diz que é *Homem de Chapéu*. Não é alguém conhecido. É qualquer homem. Inclusive ele e muitos outros homens que ele tomará para assumir o seu lugar, pois o próprio Ismael afirma que “o homem é um ser que, por definição participa da vida do próximo [...]” (apud MENDES, 1996, p. 84). Não é isso mesmo que ele faz? Ismael não participa da vida do outro, do Homem de Chapéu, na tentativa de encontrar-se ou de desencontrar-se? Que homem é esse senão ele mesmo, e ao mesmo tempo o outro, que por vezes, ele também o é.

Outro autorretrato que Ismael enfatiza o seu encontro e desencontro é o *Auto-retrato – Cristo*, 1923. Ismael é o Cristo. O Cristo que ele próprio apresenta não só na sua divindade, mas na sua humanidade. Se o Cristo é humano, porque não ser ele mesmo o Cristo? Ou o Cristo tornar-se ele? Ou o Outro? Já que o próprio Ismael defende a ideia de que todo homem é a imagem e semelhança do Cristo.

O poema *EU* a seguir, também evidencia a metamorfose de Ismael Nery. Ele é:

EU (1933)

Eu sou a tangência de duas formas opostas e justapostas.  
Eu sou o que não existe entre o que existe.  
Eu sou tudo sem ser coisa alguma.  
Eu sou o amor entre os esposos,  
Eu sou o marido e a mulher,  
Eu sou a unidade infinita.  
Eu sou um deus com princípio  
Eu sou poeta!



Eu tenho raiva de ter nascido eu,  
 Mas eu só gosto de mim e de quem gosta de mim.  
 O mundo sem mim acabaria inútil.  
 Eu sou o sucessor do poeta Jesus Cristo  
 Encarregado dos sentidos do universo.  
 Eu sou o poeta Ismael Nery  
 Que às vezes não gosta de si.

Eu sou o profeta anônimo.  
 Eu sou os olhos dos cegos.  
 Eu sou o ouvido dos surdos.  
 Eu sou a língua dos mudos.  
 Eu sou o profeta desconhecido, cego, surdo e mudo  
 Quase como todo mundo.

Eu e Você e o Outro, Outros... Outros... Tantos Outros... “Quase como todo Mundo”.



Fig. 3. Ismael Nery: *Morte de Ismael Nery*, 1932, aquarela sobre cartão, 17,5x27 cm. Fonte: <http://www.itaucultural.org.br>.

No autorretrato *Morte de Ismael Nery*, ca. 1932, mais uma vez Ismael representa um outro além da vida. Em um tempo futuro ele se projeta, mostra para todos que a sua morte faz parte da sua vida e revela para o mundo o sujeito que se tornará.

No poema *Oração* (1933):

Meu Deus, para que pusestes tantas almas num só corpo?  
 Neste corpo neutro que não representa nada do que sou,



Neste corpo que não me permite ser anjo nem demônio,  
Neste corpo que gasta todas as minhas forças  
Para tentar viver sem ridículo tudo que sou.  
– Já estou cansado de tantas transformações inúteis.  
Não tenho sido na vida senão um grande ator sem vocação,  
Ator desconhecido, sem palco, sem cenário e sem palmas.  
– Não vedes, meu Deus, que assim me torno às vezes irreconhecível  
A minha própria mulher e aos meus filhos.  
A MEUS RAROS amigos e a mim mesmo?  
– Ó Deus estranho e misterioso, que só agora compreendo!  
Dai-me, como vós tendes, o poder de criar corpos para as minhas almas  
Ou levai-me deste mundo, que já estou exausto.  
Eu que fui feito à vossa imagem e semelhança.  
Amém!

Ismael Nery pede ao seu Deus que crie corpos para as suas tantas almas, porque o corpo que lhe pertence não corresponde às suas necessidades, devido às transformações sofridas. Para Ismael seu corpo é irreconhecível, embora seja a semelhança e a imagem do seu próprio Deus e da humanidade que ele sempre desejou representar.

É de tinta e de palavra que Ismael Nery constrói o seu trabalho. A figura humana, seu objeto de estudo, é para ele a essência de Deus. Ismael, por meio dessas figuras, multiplica-se e dessa forma mostra que o homem é feito de almas em um só corpo; é a eternidade, o tempo feito de tinta e palavra que se perpetua para todo o sempre.

Nos autorretratos de Ismael Nery, temos a oportunidade de nos encontrarmos. Somos o cristo que nos olha, o outro – a mulher – o homem de chapéu – o morto –, a sombra que nos cerca, o oposto de nós mesmos nos encontros e desencontros feito pelo próprio Ismael em busca da essência de si mesmo.

### **Rerefências.**

ANDRADE, M. *Pequena história da música*. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 1987.

CORDEIRO, André. *Aspectos feminino e masculino na arte de Ismael Nery*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24/a09.pdf>. Acesso em março de 2008.



Enciclopédia Itaú Cultural. <http://www.itaucultural.org>. (reprodução das obras). Acesso em abril de 2008.

MENDES, Murilo. *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Giordano, 1996.

MIRÓ, Joan. *A cor dos meus sonhos*. Entrevistas com Georges Raillard. Trad. Neide Luzia de Rezende. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

OLIVEIRA, Valdevino Soares de. *Poesia e Pintura: Um diálogo em três dimensões*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SOURIAU, E. *A correspondência das artes*. Trad. Maria Cecília Q. M. Pinto e Maria Helena R. Cunha. São Paulo: Edusp, 1983.

Artigo recebido em setembro de 2011. Aprovado em novembro de 2011.

